

CONSIDERAÇÕES SOBRE A RECEPÇÃO DOS NORMANDOS NO
ROMANTISMO FRANCÊS (SÉCULO XIX)

CONSIDÉRATIONS SUR LA RÉCEPTION DES NORMANDS DANS LE
ROMANTISME FRANÇAIS (XIX^e SIÈCLE)

*Renan Perozini Gomes Barrozo*¹

Resumo: O presente artigo tem como objetivo discutir brevemente a recepção dos normandos em meio a intelectualidade francesa, no contexto da origem do mito das nações. Para isso, será realizado um exame a respeito de alguns autores que abordaram a temática ao longo dos séculos XVIII e XIX, articulando as diferentes matrizes teóricas e metodológicas aos problemas que cada grupo possuía, inseridos em suas temporalidades. O foco central será a análise de algumas obras selecionadas de autores como François Guizot, Augustin Thierry e Jules Michelet, cuja relevância política e cultural para o período pode ser verificada através do exame historiográfico e do papel que os dois primeiros desempenharam na política francesa. Além disso, para que as discussões possuam sentido, farei uma breve análise da forma como essa elite letrada tratou os normandos ao longo das duas metades do século XVIII e no período da Restauração.

Palavras-chave: Normandos; Revolução; Romantismo; Historiografia.

Résumé: Cet article vise à discuter brièvement de la réception des Normands pour les intellectuels française, dans le contexte de l'origine du mythe des nations. Pour cela, une analyse ce sera fait sur quelques auteurs qui ont étudié le thème tout au long des XVIII^e et XIX^e siècles, articulant les différentes matrices théoriques et méthodologiques aux problèmes que chaque groupe avait, insérés dans leurs temporalités. Le problème central de cette analyse de quelques œuvres sélectionnées d'auteurs tels que François Guizot, Augustin Thierry et Jules Michelet, dont la pertinence politique et culturelle pour la période peut être vérifiée par un examen historiographique et le rôle que les deux premiers ont joué dans la politique française. De plus, pour que les discussions ont pertinence, je ferai une brève analyse de comme cette élite lettrée a traité les Normands tout au long des deux moitiés du XVIII^e siècle et à l'époque de la Restauration.

Mots-clés: Normands; Révolution; Romantisme; Historiographie.

Os escandinavos na cultura intelectual francesa.

Este trabalho tem como objetivo realizar uma análise a respeito da forma como alguns intelectuais franceses, do século XIX, inseriram os escandinavos em suas perspectivas românticas. Contudo, antes de destacar a produção do oitocentos, e a função desempenhada

¹ Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro, membro do Laboratório de Teoria e História das Mídias Medievais (LATHIMM-UFRJ) e Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). E-mail: renangomespb@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8669-4327>

pelos normandos nessas obras, cabe uma brevíssima discussão a respeito do contexto social ao qual se inserem diversas produções que mencionam os escandinavos, em uma linha cronológica que favoreça a compreensão dos diferentes momentos históricos e a maneira como os autores que vivenciaram esses períodos, avaliaram o papel normando para sua obra. É importante e necessário entender que a historiografia se articulada a cada período e a maneira como os indivíduos de cada momento estão relacionados com seus contextos. Não podemos pensar a produção historiográfica sem levar em conta os conflitos, as questões e os problemas levantados em cada época.

Ao longo do século XVIII emergem as discussões mais acalouradas do período Iluminista, devendo-se à disputa política e social em efervescência nesse contexto histórico. É possível afirmar que nesse contexto, intelectuais do *iluminismo* e posteriormente o *romantismo*, possuíam concepções diferentes de mundo, corroborando para projeções distintas a respeito da Idade Média. As disputas travadas pelos intelectuais do século XVIII tinham relação com o modelo de sociedade Feudal e seus privilégios de nascimento. As instituições que faziam de tudo para se manterem vivas eram o alvo dos autores iluministas. A relação possível entre os intelectuais do iluminismo e o sistema feudal poderia ser de ódio, devido ao contexto vivido pelos autores do século XVIII (Oliveira, 1999, pp. 175-185)².

Em um artigo a respeito da historiografia francesa do século XVIII e XIX, Terezinha de Oliveira (Oliveira, 1999, pp. 175-185) destacou que existiram três movimentos intelectuais ao longo do período. Os historiadores do século XVIII precisavam enfrentar a noção de laços com a feudalidade que faziam parte do modelo social que seria derrubado pela Revolução. Os autores da *Restauração* precisavam fundamentar a nação pela Revolução e daria um enfoque diferente para a época medieval, assim como os intelectuais do início do século XIX, que já não tinham esse laço de enfrentamento tão forte com o Antigo Regime e buscaram, na Idade Média, as bases para fundamentar a sociedade francesa moderna, incluindo nesse estudo, a busca pelas origens da França moderna inserindo o feudalismo, a realeza, a Igreja e a nobreza, instituições criticadas no início do século XVIII.

As matrizes intelectuais do século XVIII não poderiam ser a sociedade feudal, tendo em vista a luta contra esse sistema, assim os intelectuais do século XVIII teriam encontrado na antiguidade clássica os laços que fundamentariam a nova sociedade. Seu passado recente não poderia lhes proporcionar o que buscavam, por isso, os autores do século XVIII procuraram nas repúblicas clássicas as suas matrizes para a formação da sociedade francesa. A razão para isso seria estabelecer um paralelo entre as repúblicas do passado e a sua razão e filosofia, em um modelo que poderia ser estabelecido como governo, na sociedade do século XVIII.

Através de uma breve análise de alguns autores do século XVIII, torna-se possível notar que havia um fio condutor entre eles. Embora houvesse um relativo distanciamento temporal, os intelectuais possuíam como base o pensamento iluminista, o uso da razão e da filosofia. É interessante destacar que existiram outros autores no mesmo período, falando sobre os povos nórdicos, mas não é o ponto central da problemática deste trabalho. A opção por analisar autores que correspondiam a um movimento de tendência fez com que fossem selecionados aqueles que tinham alguma projeção e por estarem envolvidos nas disputas políticas e de narrativas sobre a formação da sociedade francesa, relegando assim aqueles que não estavam inclinados com os combates travados pelos intelectuais desse período, ou por desconhecimento. Entre esses autores e obras, Montesquieu (Montesquieu, 1973 e 1960), Paul-Henri Mallet (Mallet, 1758), e Madame Holteins-Stael (Stael, 1799) fizeram parte da primeira seleção de autores, cujo enfrentamento, o uso da racionalidade como método explicativo da sociedade permearam o período.

Embora muitas vezes o século XVIII possa ser visto como um conjunto homogêneo em relação à produção historiográfica (Oliveira, 1999, pp. 175-185) existe uma grande diferença quanto à tentativa de sistematizar a compreensão dos povos do norte, especialmente, em âmbito francês, cujas primeiras décadas, havia predominância de uma visão baseada na condição natural e associada às repúblicas antigas, incorporadas por sua noção de liberdade, que na visão de Montesquieu, associava-se às repúblicas gregas. Tal visão passou por transformações na segunda metade do século. Devido à efervescência da Revolução, as críticas se intensificaram e autores como Jaucourt, presente na enciclopédia organizada por Diderot e D'Alembert (Jaucourt, 1751) e Voltaire (Voltaire, 1963) quanto às instituições e tanto Igreja

quanto monarquia passaram a ser ainda mais criticadas, e os normandos se tornaram um meio de demonstrar suas fragilidades.

Segundo a proposta dessa discussão, torna-se importante compreender que após a derrota de Napoleão, iniciou-se na França um período entre o pré-romantismo e o romantismo propriamente dito, em que os intelectuais da *Restauração* possuíam um conflito distinto para travar. Cabe ressaltar uma tendência nos primeiros anos após o fim da *Era Napoleônica* (1799-1815) de inserir os nórdicos em um processo de regeneração universal no âmbito da literatura francesa.

Segundo a análise de Ceri Crossley (Crossley, 1993), o período da *Restauração* precisava provar que a Revolução não era uma aberração, como a fase do Terror e a possibilidade de uma quase anarquia total poderia ter legado. A discussão política se embasava em argumentos históricos para travar suas batalhas por poder. Havia dois grupos políticos que se enfrentavam para definir uma imagem, Flavia Amaral destaca que “Os chamados ultrarrealistas queriam mostrar que a revolução era uma aberração, defendendo assim o restabelecimento “do trono e do altar”. Já os liberais, tentavam distinguir 1789 de 1793, colocando a fase do Terror em cheque, procurando provar que esse período não foi um desdobramento necessário de 1789.” (Amaral, 2011, p. 42.)

O desejo da ruptura com a sociedade do Antigo Regime deveria ser radical como pensavam os intelectuais do século XVIII? Ou havia a necessidade de conservação das origens históricas da França a fim de fundar uma sociedade que se sentisse representada? O século XIX oferece a resposta para essas questões de maneira diferenciada, tanto na primeira quanto em sua segunda metade é possível observar um movimento de utilização da história e conservação da memória a fim de construir uma imagem da nação francesa. Entre os autores do período, pode-se destacar as contribuições de François-René de Chateaubriand (Chateaubriand, 1831.) e Jean-Baptiste Caepéfigue (Caepéfigue, 1823).

Entre os autores que demonstram essa tentativa de justificar o presente no passado, torna-se relevante e necessário o trabalho de Patrick Geary. Segundo o autor, a História Atual nasce neste século [o século XIX], desenvolvida como instrumento do nacionalismo europeu. Determinando que "a verdadeira história das nações que povoaram a Europa na Alta Idade

Média não começa no século VI, mas no XVIII" (Geary, 2008, p. 27) A escrita histórica dos séculos XVIII e XIX não são instrumentos de cientificidade isentos, nenhuma produção é. Mas a história pode ser pensada como o discurso intelectual que legitimou e construiu um passado para as nações europeias, alimentando os anseios por uma explicação das suas origens.

Segundo a percepção de Geary, no contexto revolucionário, muitos debates intelectuais fizeram emergir as nacionalidades, os "acadêmicos, políticos e poetas do século XIX não inventaram o passado do nada. Eles se basearam em tradições, fontes escritas, lendas e crenças preexistentes, mesmo que as tenham usado de novas maneiras para forjar unidade ou autonomia política." (Geary, 2008, p. 29) Os intelectuais dos séculos XVIII e XIX tinham um problema no presente, que era a necessidade de legitimar um modelo de identidade nacional. Eles buscaram no passado, apropriando-se de fontes e metodologias diferenciadas, selecionando os textos que melhor lhes serviam, para legitimar e dar a resposta que eles precisavam no presente. Isso estabelecia um dos pontos centrais da tese de Geary, ao determinar a tríade presente, passado, presente.

Assim, as discussões presentes no século XIX construíram o passado medieval, criando uma noção de pertencimento para os povos das emergentes nações europeias. No caso francês, o autor afirma que "governos e ideólogos suprimiram impiedosamente línguas minoritárias, tradições culturais e memórias variantes do passado em prol de uma história nacional unificada e língua e cultura homogêneas, que supostamente se estendiam a um passado longínquo"³.

Considerações sobre a historiografia romântica do século XIX

Seguindo a esteira cronológica, o século XIX é sintomático a despeito da produção intelectual. Diferente dos períodos que o antecederam, ocorreu um processo produção intelectual associada a um ideal de valorização do passado. Nesse sentido, é possível notarmos que existem razões para que essa corrente tenha vitoriosa em relação aos demais pontos de vista acerca da Idade Média, em especial pela grande produção articulada a personagens relevantes no cenário político. A maior parte dos temas medievais que chegam até nós, com

ênfase direta através de mecanismos de mídia, possui um tom do romantismo e do gosto desse período pela Idade Média. Mas o que explicaria tal prática pelos autores do século XIX? A necessidade de constituir uma identidade nacional, por si só, resolveria o problema da mudança em relação ao século passado?

Sem dúvida o romantismo é um conceito que pode abarcar muito, em vários campos do conhecimento, sem explicar nada, mas o que seria o romantismo? Ginsburg lança mão do problema questionando "o que é Romantismo? Uma escola, uma tendência, uma forma, um fenômeno histórico, um estado de espírito? Provavelmente, tudo isso junto e cada item separado." (Ginsburg, 2005, p. 13.) Nota-se a dificuldade por parte do autor, ou a impossibilidade, de definir de maneira simples, um movimento tão complexo. Nesse sentido, caberia um debate ainda mais amplo para que fosse possível compreender os nuances que atravessam o conceito.

Outro detalhe importante a respeito dessa construção que pretendemos fazer é tomar como ponto de partida a tentativa de compreender o que foi o *romantismo* e, para isso, utilizamos a discussão proposta por Ceri Crossley (Crossley, 1993) visando estabelecer bases teóricas a respeito do conceito, antes de adentrarmos na discussão sobre a recepção e as discussões sobre os normandos na intelectualidade franca do século XIX. O autor afirma que a historiografia é uma espécie de testemunho privilegiado, enfatizando o papel dos autores como aqueles que melhor representam esse período. Para Crossley, os intelectuais que melhor representam o romantismo são Guizot, Thierry, Quinet e Michelet, especialmente por terem vivido os anos de 1789, ainda que o fato de terem vivido o período não responda por si só às nossas questões. A Revolução é foi um ponto central que atravessou a escrita desses autores. Os acontecimentos de 1789 poderiam ser vistos como a emergência do pensamento moderno.

Cabe pontuar que para este trabalho, acredito haver um limite para o conceito de *Romantismo*, cuja relação com a ignorância por parte da filiação intelectual com a qual cada autor esteve associado. Um exemplo disso é a forma como Flávia Amaral, em sua tese de doutorado, destaca a percepção de Michelet em meio a certas representações do povo da França, segundo a qual "Não lhe agrada o que ele define como 'gosto pelo feio', nem o fato de alguns românticos voltarem seus olhos para o excepcional, o bizarro, o violento, o fantástico

quando vão se referir ao povo." (Amaral, 2011, p. 137) e mais adiante destaca que "o Romantismo desqualificava o povo decretando sem maiores análises: 'o povo é assim'" (Amaral, 2011, p. 137). Nota-se uma predileção por determinadas figuras além da escolha de uma representação particular para o povo da França.

O entusiasmo pelo gênio que une o ideal e o real é o tema principal do *Romantismo*, cuja influência se estende por várias regiões da Europa como na Inglaterra, assim como na França e além. Ocorre a busca por uma sincronia perfeita que leva o benefício para todos, a ideia de universalidade, os valores que a nova sociedade tentava exportar. O romantismo vê no entusiasmo a argamassa que edifica a sociedade e não a sua desruição. Crossley destaca que "por lance do destino ou impulso inerente à sua personalidade que é o herói romântico, encarnação antes social do que pessoal" (Crossley, 1993, p. 15). Portanto, o período em que o herói não é o responsável por ações individuais fantásticas, mas que coloca o grupo e o coletividade antes de seu próprio eu.

Um estudo de caso: Os normandos em algumas obras românticas

Diante das ponderações a respeito do recorte contextual, início o debate centrado na questão da construção da identidade francesa em articulação ao processo de de alguns elementos de sua história. Após a Revolução de 1830, foi convocado um Comitê dos Trabalhos Históricos e Científicos. Durante esse período, alguns intelectuais foram chamados para fazer parte do processo de valorização da memória histórica da França. Entre eles, François Guizot é nomeado Ministro do Interior e em 1836, Ministro da Instrução Pública. Já Augustin Thierry é encarregado de recolher os monumentos do Terceiro Estado em 1835, publicando os Monumentos inéditos em 1850 (Amaral, 2011, p. 49.).

Esses agentes se tornam privilegiados para a nossa análise por exercerem influência ao ponto de personificarem parte de uma produção intelectual de um período. Pode-se inferir que por conta de suas posições políticas, talvez tenham sido os mais relevantes quanto ao alcance de suas obras, bem como suas ações políticas. Por essa razão, estabeleceremos como ponto de partida para o período a análise de das obras de Guizot, Thierry e Michelet. Os dois primeiros devido às questões políticas citadas, o último pelo seu alcance mediante a publicação da coletânea sobre a História da França (Michelet, 1946).

Ainda que nossa análise privilegie os estudos dos três autores destacados anteriormente, torna-se importante ressaltar que durante esse período, vários outros intelectuais franceses se debruçaram sobre o tema normando e escandinavo, com diferentes pontos de vista. Estudos como de G. Dozy em uma obra intitulada *L'influence exercée par les Normands sur l'ancien roman français*. (Dozy, 1845) Disserta a respeito de um ímpeto aventureiro desse povo, afirmando ser "por uma vida errante e aventureira, sempre inseparável das características do normando"⁴, além de levantar a questão para possibilidade de um amor normando para o risco e seu "instinto migratório que é a paixão dos Vikings". (Dozy, 1845, p. 200)

Outro autor que também estudou o ponto de vista de Dozy cuja relevância faz com que seja mencionado foi Paul Riant em *Expéditions et pèlerinages des Scandinaves en Terre-Sainte* (Riant, 1865, pp. 448). Nesse ensaio, o autor resalta a questão do espírito guerreiro e aventureiro dos povos do norte. Tomando a audácia desses povos, ou o espírito de aventura, Albert Glatigny em *Le Fer rouge* (Glatigny, 1870) associa os camponeses da Normandia com os filhos de Rollo, aventureiros de característica árdua "Ó camponês da Normandia! Filhos de Rollo, raça ousada, que toda aventura chamava" (Glatigny, 1870, p. 75). Muitos outros autores se dedicaram ao estudo dos povos escandinavos durante o período romântico, entre eles Frédéric Durant (Durant, 1965) e Louis Enault (Enault, 1857), assim como outros, porém, voltaremos nossa análise inicial para as discussões acerca dos três autores mencionados anteriormente.

Em 1828, François Guizot publicou um conjunto de 10 lições intituladas *Cours de Histoire Moderne* (Guizot, 1828). Neste trabalho, os problemas centrais do autor eram a questão da origem do pensamento moderno e da sociedade Francesa. Em suas lições iniciais, Guizot discutiu e expôs o estado político e moral da sociedade da Gália no século V, ponto crucial escolhido pelo autor para a formação do mundo moderno. Em sua proposta, existe um importante papel de Sismondi e seu livro sobre a história da França, porém, é perceptível a crítica que Guizot faz para essa obra, como afirma que "o reinado de Carlos Magno e o de São Luís estavam, talvez, entre as partes mais fracas do livro. Quanto à história do

⁴ Tradução do autor. "pour unie vie errante et aventureuse qui fut toujours inséparable du caractère normand"

desenvolvimento intelectual e das ideias, falta algo na profundidade da pesquisa e na precisão dos resultados." (Guizot, 1828, pp.40-41)⁵ Nesse sentido, sua crítica aponta para lacunas não preenchidas por Sismondi. Embora o autor ainda não fosse a figura de grande relevância que se tornou na década seguinte, já era possível observar a tentativa de um protagonismo em meio às discussões sobre a história da nação francesa, um problema recorrente em muitos autores do século XIX.

Guizot observa que o estado social da Idade Média foi constantemente, especialmente na França, insuportável e odioso. Nunca o berço de uma nação lhe inspirou semelhante antipatia; nunca o regime feudal, suas instituições, seus princípios, obtiveram essa adesão irrefletida, fruto do hábito, que os povos frequentemente deram aos piores sistemas de organização social (Guizot, 1828, p. 25.). Com o propósito de romper com a concepção negativa que os franceses tinham do seu passado, o autor se propõe estudar esse período da história visando mostrar que as instituições feudais contribuíram decisivamente para o desenvolvimento da civilização.

Percebe-se que existe a necessidade de buscar na Idade Média a afirmação da sociedade em detrimento de uma negação, conforme faziam os autores do século XVIII, assim, Guizot procurou compreender nas invasões bárbaras o caminho para a formação da sociedade francesa, especialmente em sua interação com o povo do antigo Império Romano, cuja conexão teria originado o chamado feudalismo, de acordo com essa concepção.

Os intelectuais do século XIX inserem essa percepção diferenciada de que, ao unir a sociedade livre bárbara com os resquícios de Roma, criava-se uma civilização totalmente original, que através do feudalismo daria origem à sociedade francesa. Guizot não se posicionava ao lado dos restauradores, porém, embora contrário a uma corrente que criticava o período, não era avesso à Idade Média, como os pós-revolucionários. Ele queria consolidar as novas relações sociais conquistadas pela *Revolução* apresentando o feudalismo como um

⁵ Tradução do autor "le règne de Charlemagne et celui de Saint-Louis, sont au nombre, peut-être, des plus faibles parties du livre. Comme histoire du développement intellectuel, des idées, quelques chose manque également à la profondeur des recherches et à l'exactitude des résultats".

passado, ou a passagem para a sociedade moderna, valorizava e reconhecia a sua importância, porém, não desejava seu retorno.

Portanto, Guizot via na sociedade emergida do contato cultural entre a Gália, que para o autor era Romana, e os Bárbaros invasores, a formação da moralidade e das ideias que dariam origem à sociedade francesa moderna. Segundo Guizot “considerar a civilização como um todo, como desenvolvimento social e moral, na história das relações humanas e suas ideias”. (Guizot, 1828, p. 42)⁶ O conceito de civilização é o ponto chave para sua reflexão.

Adiante ressalta que para compreender essa sociedade francesa moderna, e a noção de civilização, seria preciso pensar:

quando tentei, no verão passado, desembaraçar, no berço da civilização europeia, seus elementos primitivos e essenciais, encontrei, por um lado, o mundo romano, por outro, os bárbaros. Portanto, é necessário, para começar, o estudo da civilização moderna, em qualquer parte da Europa, primeiro estudar o estado da sociedade romana, na época em que o Império Romano caiu, isto é, no final do século IV e no início do século V. (Guizot, 1828, p.44.)⁷

Um debate essencial que o autor propõe deixa clara a noção de identidade nacional, tendo em vista que, conforme suas reflexões publicadas no Curso de História Moderna, Guizot propõe que a civilização moderna só poderia existir, na medida em que os elementos essenciais da cultura bárbara, aglutinassem-se com a cultura romana, existentes na apenas na Gália.

Portanto, o autor valoriza a permanência da cultura clássica com a herança romana na formação da sociedade moderna e imprime sua indiferença quanto aos demais países, afirmando que somente a França era originária dos povos romanos, enquanto os ingleses e alemães tinham sua raiz no povo germânico “Toda a Gália, de fato, estava sujeita ao império; e sua civilização, especialmente no Sul, era completamente romana. Na história da Inglaterra ou da Alemanha, Roma ocupa menos espaço; sua civilização, em sua origem, não era romana,

⁶ Tradução do autor. “considérer la civilisation dans son ensemble, comme développement social et comme développement moral, dans l'histoire des relations des hommes et dans celle des idées”

⁷ Tradução do autor. “quand j'ai essayé, l'été dernier, de démêler, dans le berceau de la civilisation européenne, ses éléments primitifs et essentiels, j'y ai trouvé d'une part, le monde romain, de l'autre, les barbares. Il faut donc, pour commencer, dans quelque portion de l'Europe que ce soit, l'étude de la civilisation moderne, étudier d'abord l'état de la société romaine, au moment où l'empire romain est tombé, c'est-à-dire vers la fin du IV^e et au commencement du V^e siècle’.

mas germânica” (Guizot, 1828, p. 45.)⁸. Havia uma clara hierarquização das sociedades de temporalidades recuadas, na proposta do autor.

Nesse primeiro ensaio de Guizot, publicado em forma de livro em 1828, o autor deixa claro algumas tendências do seu pensamento. Ele ainda não havia sido nomeado ministro, suas palavras tinham um grande alcance, mas talvez, a partir da ocupação de um cargo político de relevância, tenha alcançado muito mais. O ponto central nessa questão é perceber que para ele a emergência do nacionalismo francês é verificável através do contato cultural entre as sociedades do século V, não na sociedade Franca Merovíngia, mas na Gália Romana com elementos bárbaros.

Alguns anos depois, em 1836, François Guizot publica uma obra intitulada *Histoire Générale de la Civilisation en Europe* (Guizot, 1836)⁹ em que as discussões iniciadas no Curso de História Moderna se aprimoram e ganham maior destaque e relevância e os escandinavos são inseridos no processo de constituição da França.

Um dos motivos que pode ter levado o autor a buscar articular a herança romana com a contribuição necessária para afirmar que a França precisaria de um elemento unificador, como nas sociedades antigas, pode ter sido a questão primordial para associar a França com o passado da Gália Romana, relegando o Reino Franco. Assim como as sociedades antigas, Guizot afirma que “em uma palavra, quando consideramos civilizações antigas, encontramos todas elas impressas com um caráter singular de unidade em instituições, ideias, costumes; uma única força, ou pelo menos muito preponderante, governa e decide tudo” (Guizot, 1836, p. 31.)¹⁰. Estava evidente o caráter idealizado de sua obra.

Outro relevante ponto é notarmos que o elemento bárbaro funcionaria como um acréscimo da liberdade individual para a cultura romana, não necessariamente os francos, mas

⁸ Tradução do autor. “Toute la Gaule en effet était soumise à l'empire; et sa civilisation, dans le midi surtout, était complètement romaine. Dans l'histoire de l'Angleterre ou de l'Allemagne Rome tient moins de place; leur civilisation, dans son origine, n'a pas été romaine, mais germanique”.

⁹ A versão original foi publicada em 1836, em francês, contudo, utilizamos uma versão em espanhol e uma em francês, apenas para facilitar a leitura.

¹⁰ Tradução do autor. “En un mot, quand on considère les civilisations antiques, on les trouve toutes empreintes d'un singulier caractère d'unité dans les institutions, les idées, les mœurs; une force unique, ou du moins très prépondérante, gouverne et décide de tout”.

os povos bárbaros definidos como unidade. Eles fariam parte de um intenso processo de lutas que originariam a Europa Moderna, uma diversidade de elementos que tornaram possíveis a construção de um mundo civilizado, que para o autor:

Na Europa moderna, a diversidade de elementos da ordem social, a impossibilidade de excluir um ao outro, deram origem à liberdade que prevalece hoje. Sem poder exterminar um ao outro, era necessário que os vários princípios vivessem juntos, que eles fizessem uma espécie de transação entre eles. Todos concordaram em ter apenas a parte do desenvolvimento que poderia ir até eles; e enquanto em outros lugares a predominância de um princípio produzia tirania, na Europa, a liberdade resultava da variedade de elementos da civilização e do estado de luta em que viviam constantemente. (Guizot, 1836, p. 36.)¹¹

O ideal de liberdade que foi inserido como a participação social dos bárbaros na cultura romana se articula com o ideal burguês pós-revolução, sendo a base da sociedade moderna. Guizot exprime o espírito da Revolução e o emula no Mundo Antigo. Embora considere o ideal de liberdade como essencial para pensar o Mundo Moderno, o autor destaca a importância da Igreja na formação da sociedade francesa. Para o Guizot, não seria possível manter um espírito de unidade sem a presença do cristianismo:

Se não fosse por uma igreja, não sei, senhores, o que teria acontecido no meio da queda do Império Romano. Eu me incluo em considerações puramente humanas; deixo de lado qualquer elemento estranho às consequências naturais dos fatos naturais; se o cristianismo tivesse sido, como nos primeiros dias, apenas uma crença, um sentimento, uma convicção individual, podemos acreditar que teria sucumbido no meio da dissolução do Império e da invasão dos bárbaros. (Guizot, 1836, p. 47.)¹²

A Igreja não é criticada por Guizot, como havia ocorrido através das análises dos autores do século XVIII, ao invés disso, é valorizada e vista como um elemento unificador,

¹¹ Tradução do autor. "Dans l'Europe moderne la diversité des éléments de l'ordre social, l'impossibilité où ils ont été de s'exclure l'un l'autre, ont enfanté la liberté qui règne aujourd'hui. Faute de pouvoir s'exterminer, il a bien fallu que les principes divers vécussent ensemble, qu'ils fissent entre eux une sorte de transaction. Chacun a consenti à n'avoir que la part de développement qui pouvait lui revenir; et tandis qu'ailleurs la prédominance d'un principe produisait la tyrannie, en Europe, la liberté est résultée de la variété des éléments de la civilisation, et de l'état de lutte dans lequel ils ont constamment vécu."

¹² Tradução do autor. "S'il n'eût pas été une église, je ne sais, Messieurs, ce qui en serait advenu au milieu de la chute de l'Empire romain. Je me renferme dans les considérations purement humaines; je mets de côté tout élément étranger aux conséquences naturelles des faits naturels; si le christianisme n'eût été, comme dans les premiers temps, qu'une croyance, un sentiment, une conviction individuelle, on peut croire qu'il aurait succombé au milieu de la dissolution de l'Empire et de l'invasion des Barbares"

universalista. Porém, não é o único a formar a sociedade moderna. De acordo com o autor, a civilização moderna é fruto de uma aglutinação entre os elementos romanos, existentes na Gália e apenas nela, o extrato edificador universal da Igreja e a liberdade individual burguesa, associada à liberdade bárbara, que conforme cita, eram um sentimento primitivo.

Há um sentimento, um fato que deve, acima de tudo, ser entendido como representando com verdade o que era um bárbaro: é o prazer da independência individual, o prazer de brincar, com sua força e sua força. liberdade, em meio às oportunidades do mundo e da vida. (Guizot, 1836, p. 55.)¹³

Contudo, ao selecionar Guizot neste trabalho, deveria abordar a questão normanda em seu trabalho, portanto, em que medida os escandinavos fariam parte dessa discussão proposta pelo autor? Ao mencionar o governo de Carlos Magno, na terceira lição, François Guizot descreve o papel de uma segunda onda de invasões como um problema para a perpetuação do modelo de unidade dos três elementos formadores da sociedade moderna, evidenciados no feudalismo. “No início do século X, não havia mais nenhuma pergunta sobre o grande império de Carlos Magno, nem sobre os gloriosos conselhos de Toledo; mas a barbárie não chegou ao fim; dois ótimos resultados foram obtidos” (Guizot, 1836, p. 84.)¹⁴. Assim, entre os diferentes esforços, Carlos Magno tentou empreender uma série de mudanças, para administrar o seu território, além de deter o movimento de invasão dos povos do norte.

Mas os normandos eram uma força perturbadora da ordem também, na obra do autor, eles não possuíam tanta relevância quanto às primeiras ondas invasoras até o século V. Guizot toma o cuidado de descrevê-los “Os normandos são uma prova incontestável disso; até aquele momento, com exceção das tribos que se lançavam sobre a Inglaterra, o movimento de invasões marítimas não era muito considerável” (Guizot, 1836, p. 85.)¹⁵ nota-se um esvaziamento de sua relevância ao pensar o processo de formação do reino Franco.

¹³ Tradução do autor. “Il y a un sentiment, un fait qu’il faut avant tout bien comprendre pour se représenter avec vérité ce qu’était un Barbare: c’est le plaisir de l’indépendance individuelle, le plaisir de se jouer, avec sa force et sa liberté, au milieu des chances du monde et de la vie.”

¹⁴ Tradução do autor. “Au commencement du dixième siècle, il n’était plus question ni du grand Empire de Charlemagne, ni des glorieux conciles de Tolède; mais la barbarie n’en touchait pas moins à son terme; deux grands résultats étaient obtenus”.

¹⁵ Tradução do autor. “Les Normands en sont une preuve incontestable; jusqu’à cette époque, si l’on en excepte les tribus qui se sont jetées sur l’Angleterre, le mouvement des invasions maritimes n’avait pas été très considérable”.

Mais adiante o autor esvazia a importância das invasões escandinavas, dando muito mais relevância para as primeiras incursões e estabelecendo uma resistência por parte dos povos francos em relação aos normandos.

Foi no decorrer do século IX que se tornou constante e geral. É que as invasões terrestres se tornaram muito difíceis; deste lado, a sociedade adquiriu fronteiras mais fixas e mais seguras. A parte da população errante que não pode ser recuada foi forçada a se afastar e levar sua vida errante ao mar. Fosse qual fosse o dano que as expedições da Normandia tivessem causado ao Ocidente, elas eram muito menos fatais do que as invasões no terreno; eles perturbaram a sociedade nascente muito menos geralmente. (Guizot, 1836, p. 86.)¹⁶

Para nosso autor, o Feudalismo era o ponto central da emergência da cultura moderna. Os normandos não possuíam grande relevância na argumentação de Guizot e voltariam a aparecer alguns anos depois, em uma obra intitulada *L'Histoire de France racontée à mes petits-efants* de 1879, em que uma imagem produzida por Alphonse Marie de Neuville com título de *Le Siège de Paris par les Normands* seria analisada por Jonny Langer (Langer in Glot, 2004.)¹⁷. Contudo, o interessante é perceber que um dos principais autores quanto a sua relevância e alcance, durante o período romântico, não reserva um papel central para os normandos na formação da sociedade francesa, mas os vê como povos que tentaram invadir e destruir a raiz da cultura da França, expressa na formação do Feudalismo. Os heróis nacionais ganham relevância na obra de Guizot, como Carlos Magno, em detrimento dos estrangeiros. Tudo isso se relaciona com a necessidade de construir uma identidade nacional, esvaziando o papel de figuras tidas como estrangeiras.

Outro ponto importante na obra de Guizot é a relevância que o autor dará para o Feudalismo, essa herança será vista e analisada como o ponto central da formação da França.

¹⁶ Tradução do autor. "C'est dans le cours du neuvième siècle qu'il devient constant et général. C'est que les invasions par terre sont devenues très difficiles; la société a acquis, de ce côté, des frontières plus fixes et plus sûres. La portion de population errante qui ne peut être refoulée en arrière est contrainte de se détourner et de porter sur mer sa vie errante. Quelque mal qu'aient fait à l'Occident les expéditions normandes, elles étaient bien moins fatales que les invasions par terre; elles troublaient bien moins généralement la société naissante".

¹⁷ Nesse artigo, publicado em uma coleção organizada por Claudine Glot e Michael Le Bris em 2004, o historiador brasileiro faz um levantamento sobre as imagens vikings produzidas na Europa. De acordo com ele, o passado viking foi reconstruído a princípio por Peter Nicolai Arbo em 1860 com a pintura *Asgardreien* assim como *Le Viking et Haakon le bon*.

Importantes autores do século XX, como Marc Bloch, faziam uso dessa base para estabelecer a emergência da França.

Conforme destacado, analisarei a produção de Austutin Thierry, outro autor que possuiu relevância política durante o período e que se tornou um importante ícone da época romântica. Autor de diversas obras sobre a origem da identidade nacional francesa, a obra que seleciono para este trabalho é sua[s] *Lettres sur l'histoire de France* (Thierry, 1852), escrita em 1827 e que define pela primeira vez, nas obras analisadas em neste trabalho, quem são os *normandos*, baseando-se em uma fonte histórica. Além disso, esse autor valoriza, em certa medida, os reis francos no processo de formação da França, diferenciando-se de Guizot, descrevendo como o conceito de *rex* é criado no vocabulário francês, retomando a concepção do uso linguístico destacado por Patrick Geary, conforme salientei no início deste trabalho.

Utilizando-se de uma canção para definir quem são os noroegueses e dinamarqueses “Há uma canção triunfal composta em homenagem a *Hlode-wig*, ou Luís, o terceiro filho de Luís, dito o Gato [Luís II], após uma vitória sobre os piratas dinamarqueses e noruegueses, que os francos chamavam na sua língua *Nord-mannende* pessoas do Norte.” (Thierry, 1852, p. 62.)¹⁸ É a primeira vez que se observa a definição do conceito normando com base em uma fonte, o autor tem o trabalho de definir quem são os escandinavos, sob um ponto de vista linguístico e do olhar francês, e não necessariamente geográfico.

Outro objetivo de Thierry é encontrar no século IX a origem do povo francês. Sua base teórica é linguística e em seu trabalho, busca compreender a emergência de determinadas palavras como indícios da existência de determinados povos. Em sua percepção “Aqui está uma amostra da língua que, nos últimos anos do século IX, foi falada pelos homens a quem nossos historiadores chamam de francês, e aqui está um exemplo do título que essa língua deu

¹⁸ Tradução do autor. “Il existe un chant triomphal composé en l'honneur de Hlode-wig, ou Louis, troisième fils de Louis, dit le Bègue, après une victoire remportée sur les pirates danois et norwégiens, que les Franks appelaient dans leur langue Nord-mannen du gens au Nord”

àqueles a quem agora chamamos de reis do primeiro e do segundo momentos” (Thierry, 1852, p. 64.)¹⁹ O papel linguístico se coloca de forma dianteira no trabalho do autor.

Nesse sentido, a proposta de Thierry, na segunda lição, volta-se para a emergência da palavra *Rex*, em articulação com a origem da língua francesa, buscando através da observação do conceito real o seu significado. Além disso, questiona-se sobre sua função política e, em através da confirmação de sua hipótese, qual seria essa relevância no francês antigo. “Este título é a palavra de *koning* que ainda permanece intacta no idioma holandês. A questão é o que exatamente essa palavra significa, se tem vários significados, e qual é a sua extensão, não de acordo com os dicionários atuais da língua holandesa ou flamenga, mas de acordo com a força da antiga língua franca.” (Thierry, 1852, p. 64.)²⁰ O significado da expressão, para o autor, dá-se de acordo com o contexto que é pronunciada.

A busca de Thierry é identificar como emerge no interior do idioma francês o uso da palavra *rex*, pois ao compreender essa questão, o autor poderia analisar o momento em que a identidade francesa é constituída, não pela figura real, mas pelo idioma próximo do francês. Outro problema inserido por ele, centra-se na questão do termo *koning*, “A comparação entre a palavra *koning* com a palavra que o escritor germânico queria que ele apresentasse nessas traduções. Podemos facilmente separar quais ideias os próprios francos atribuíram ao título com o qual decoravam seus líderes.” (Thierry, 1852, p. 65.)²¹ Segundo o autor, a palavra *koning* não bastava para entender a questão, mas criava a possibilidade de identificar a maneira como os francos compreendiam o seu líder.

Nesse ínterim, o poder do significado não está na forma como o rei usa o título, mas na maneira como os seus súditos o reconhecem, mediante a titulação. Isso corrobora com a ideia

¹⁹ Tradução do autor. “Voilà un échantillon du langage que; parlaient, dans les dernières années du neuvième siècle, les hommes que nos historiens appellent des Français, et voilà un exemple du titre que ce langage donnait à ceux que nous appelons maintenant rois de la première et de la seconde race”

²⁰ Tradução do autor. “Ce titre est le mot de *koning* qui subsiste encore intact dans l’idiome des Pays-Bas. La question est de savoir ce que signifie proprement ce mot, s’il à plusieurs sens, et quelle en est l’étendue, non pas selon les dictionnaires actuels de la langue hollandaise ou flamande, mais selon la force de l’ancien langage des Franks”

²¹ Tradução do autor. “En rapprochant dans Ces traductions le mot de *koning* du mot que l’écrivain germanique a voulu lui faire rendre, nous pourrions facilement démêler quelles idées les Franks eux-mêmes attachaient au titre dont ils décoraient leurs chefs.”

de que o povo da nação possuía maior relevância em comparação com o rei. Embora a busca pelo significado pudesse esbarrar na questão latina, como afirma a seguir “primeiro, em um dos capítulos do evangelho em que Herodes é mencionado, que o texto em latim chama de *Rex Judaeorum*, os tradutores o chamam de *Ludeone Koning*; então, em outros lugares, em vez do título de *Koningils*, da-se o de *Here-zog*, que significa propriamente chefe do exército” (Thierry, 1852, p. 65.)²² essas qualificações são atribuídas a Herodes bíblico com o latim *Rex*.

Mas o que é ser rei? Como isso corrobora com as ideias que tentamos aqui expor? Thierry nos ajuda a responder mais adiante quando demonstra que o significado é múltiplo e pode variar de localidade para outra. A seguinte proposição o autor demonstra que existiam várias nomenclaturas para o rei “da Idade Média chamada *Duces Aquitanioe*, são chamados *Reges* por outro. A autoridade dos prefeitos do Palácio, chama-se *regnum* em mais de vinte lugares nos autores originais” (Thierry, 1852, p. 70.)²³.

Interessante notar que o autor volta a falar dos povos nórdicos, em articulação com o conceito de *rex*, fazendo uso novamente de uma fonte documental e traduzindo os Anais de Fulda escritos em 873, “cuja tradução literal proponho a de MM. da Academia Francesa: *Mense Junio, Hruodulfus quidam Nordmannus, classem duuxit in regnum Hluduwici regis, in comitatum videlicet Abdagi régis.*” (Thierry, 1852, p. 178.)²⁴. Observa-se novamente a presença dos normandos, descritos como *Nordmannus*, de acordo com os documentos contemporâneos às invasões, o autor os insere em um processo de composição da sua argumentação, atribuindo o conceito real também à forma como os homens do norte viam suas lideranças, emulando o significado correlato para a sociedade franca.

²² Tradução do autor. “D’abord, à l’un des chapitres de l’évangile où il est question d’Hérode, que le texte latin appelle *Rex Judaeorum*, les traducteurs le nomment *ludeone Koning*; puis, dans d’autres endroits, au lieu du titre de *Koningils* lui donnent celui de *Here-zog* qui signifie proprement chef d’armée”

²³ Tradução do autor. “du moyen-âge appelle *Duces Aquitanioe*, sont appelés *Reges* par un autre. L’autorité des maires du Palais est appelée *regnum* em plus de vingt endroits dans les auteurs originaux”

²⁴ Escrito em Franco na página 178 do sétimo tomo dos anais. *Ibid* p.178.” dont je propose la traduction littérale à MM. de l’Académie française: *Mense Junio, Hruodulfus quidam Nordmannus, classem duxit in regnum Hluduwici regis, in comitatum videlicet Abdagi régis*” manteve a escrita em seu original por conta da necessidade de validar o argumento do autor que fazia uso da linguagem como mecanismo de compreensão de significado.

Percebe-se, portanto que o autor possui um ponto de vista dissonante se comparado com Guizot. Diferente do primeiro, que vê nas incursões bárbaras a emergência da civilização moderna que se intensifica a partir do feudalismo, concretizando-se com a Revolução, Thierry observou que a França passa a existir quando a língua francesa confere significado para as coisas. Além disso, o autor atribuiu um papel especial à figura do rei e o domínio do reino não em seu sentido político, mas em relação à forma como o reino franco seria visto. É perceptível que as contribuições de Thierry para construção deste trabalho se relacionam apenas com a definição que o autor faz dos normandos, sendo o primeiro – aqui analisado – a realizar tal tarefa, diferenciando-se de Guizot, porém, aproximando-se ao passo que não confere relatividade para os escandinavos.

Para finalizar a análise sobre esse período, tomo como base a *História da França*, de Jules Michelet, publicado inicialmente entre 1846 e 1853, e recentemente traduzida para o português em 2013 por Luiz Fernando Serra Moura Correia (Michelet, 2013). Uma das mais importantes obras desse período, que vai difundir o espírito da nacionalidade francesa além de coroar a heroína do povo, Joana D'arc, como grande símbolo da França pós-revolução.

Um primeiro ponto interessante na revisão sobre a Idade Média que Michelet faz, é definir um elemento unificador da França no reino dos Carolíngios, assim, o autor estabelece uma diferente tradição em comparação com Guizot, pois busca na Idade Média e não na Antiguidade, a emergência da nação francesa. Embora não na primeira dinastia franca e nem na transição com as invasões, mas fala sobre um sentimento de unidade que vai se firmando em torno de Carlos Martel e posteriormente, seu filho e neto vão adquirir um status

Esses mesmos homens, lançados nos exércitos de Carl pelo engodo dos bens da igreja que ele prodigalizou, puderam adotar, pouco a pouco, a crença na sua nova pátria e prepararam uma geração de soldados para Pepino o Breve e Carlos Magno. Nessa família toda eclesiástica dos carolíngios, o bastardo oferece uma fisionomia à parte e muito pouco cristã. (Michelet, 2013, p. 573.).

Embora possua como fio condutor para sua discussão um pensamento dissonante de Guizot quanto à emergência da unidade francesa, Michelet converge com primeiro ao atribuir à Igreja o papel de unificadora dessa sociedade. Michelet afirma que a realeza carolíngia se formou a partir de uma união dos interesses da Igreja aos do reino franco. Nesse sentido, os inimigos da fé passariam a ser os inimigos do reino, como se os Carolíngios fossem o poder

temporal, inseridos em um plano divino eclesiástico. "Essa realeza de Pepino, fundada pelos padres, foi devotada aos padres. O descendente do bispo Arnulfo, o parente de tantos bispos e santos, deu grande influência aos prelados." (Michelet, 2013, p. 591.)

Outra questão importante no trabalho de Michelet é uma associação dos francos aos romanos, destacando a importância dos segundos na formação cultural dos primeiros, que serviriam da base para a cultura moderna. "Francos haviam conservado alguma coisa dos hábitos da milícia romana, onde seus avós serviram tão longamente". Eram, de fato, os mais disciplináveis dos bárbaros, os que tinham o temperamento menos individualista, o menos original, o menos poético." (Michelet, 2013, p. 611.).

Mas em que medida Michelet reserva algum papel aos povos normandos? Eles seriam mencionados nas obras desse autor? Os normandos aparecem na obra de Michelet pela primeira vez, como parte de um processo que ampliaria a crise no Império Carolíngio.

O rei dos Normandos, Godfried, prometia a si próprio o império da Germânia. A Frísia e o Saxe, ele os olhava como se já fossem a si. Os Obotritas, seus vizinhos, ele já os havia subjugado e tornado seus tributários; ele se vangloriava, mesmo, que logo chegaria com tropas numerosas até Aachen onde o rei mantinha sua corte. (Michelet, 2013, p. 705.)

Para o autor, a dissolução do Império Carolíngio ocorreu ao passo em que os filhos de Carlos se curvaram diante da Igreja, fazendo com que as nações bárbaras iniciassem os ataques, a segunda onda de invasões no reino, "Em 820, treze embarcações normandas correram trezentas léguas de costas e se entupiram de tanto butim que foram obrigadas a libertar os cativos que tinham feito." (Michelet, 2013, p. 705.). Adiante, o autor prossegue,

Em 829, temeu-se que aqueles Normandos, cujos menores barcos eram tão temíveis, invadissem por terra e os povos receberam ordem de se manterem prontos a caminhar em massa. Assim se acumulou o descontentamento público. Os grandes, os bispos, o fomentavam; eles acusavam o Imperador, eles acusavam o aquitânio Bernardo; o poder central os irritava; eles estavam impacientes com a unidade do império; eles queriam reinar cada um em seu domínio. (Michelet, 2013, pp. 734-735.)

Nota-se que Michelet já não fala mais da unidade, da centralidade. Então, para o autor, o reino funcionou uma vez que existia a unidade entre Igreja e Estado, sendo posteriormente impossível a união, o Império entrou em degradação. Outro ponto essencial é perceber que, na concepção do autor, os normandos não possuíram um papel importante na formação da

França, pelo contrário, graças a eles, a primeira unificação possível durante o Império Carolíngio se fragmentou em diferentes formas de governo, esvaziando a autoridade real e tornando possível a existência da fragmentação política feudal.

Considerações Finais

Diante disso, é possível perceber que os principais autores, segundo o recorte de Crossley que concordo até aqui, do período Romântico não estavam muito interessados nos escandinavos, nem tampouco em sua participação no processo de formação da França moderna. Guizot e Michelet esvaziaram o seu significado e a sua relevância, dando ênfase maior aos povos da Gália Romana e do Reno Franco Carolíngio, respectivamente. Apenas Thierry realiza uma análise relativamente mais apurada, mas como um mero apêndice da constituição da língua e do reino franco, que eram de fato o seu objeto. Embora tenha feito a primeira crítica documental, no sentido moderno, para identificar quem eram os normandos. A contribuição de Thierry se encerra por aí.

No final do século XIX e início do XX, observa-se a emergência de novas obras em que se pode destacar a importância de Jean Revel, em *Histoire des Normands*, (Revel, 1918, p. 611.) publicada em 1918. A obra pretendia estabelecer uma história dos povos escandinavos que ocuparam a França, sob um viés positivista, apropriando-se dos estudos do período romântico. Entretanto, seria necessário esperar até a terceira década do século XX para que Marc Bloch pudesse voltar a falar sobre esses povos, com um novo olhar que serviria de base para a maior parte dos estudos nas décadas seguintes à publicação do *Feudalismo* (Bloch, 1987).

É importante destacar que, durante esse contexto, os autores do romantismo não conferiam a mesma relevância que em períodos anteriores, sendo o uso dos normandos semelhante a coadjuvantes na formação da história francesa. Os autores do romantismo vão esvaziar o sentido dos escandinavos tendo em mente que havia a necessidade de valorizar heróis vistos como nacionais, com isso, personagens medievais que representassem o povo francês, tornariam-se mais adequados para cumprir a função de heróis nacionais e identificar a nacionalidade francesa.

Referências Bibliográficas:

- AMARAL, F.A. História, Revolução e Ressignificação: Joana d'Arc na historiografia francesa da primeira metade do século XIX. *Aedos* - ISSN 1984- 5634 Num. 7, vol. 3, fevereiro 2011.
- BLOCH. M. *A sociedade feudal*. Trad. Emanuel Lourenço Gondinho. Edições 70: Lisboa, 1987. Digitalizado e formatada por: Uther Pendragon e Dayse Duarte.
- CAPEFIGUE, J.B. Essai sur les invasions maritimes des Normands dans les Gaules. *Imprimerie Royale*: Paris, 1823. Disponível em <https://archive.org/details/essaisurlesinva00capegoog/page/n8> visto 27/07/2019.
- CHATEAUBRIAND F.R. de: *Oeuvres complètes*. Nouvelle édition revueave soin sur les éditions originales, précédée d'une étude littéraire sur Chateaubriand par M. Saint-Beuve. Tome IX: Etudes historiques. Paris: Garnier, 1831.
- CROSSLEY, Ceri. *French historians and romanticism: Thierry, Guizot, the Saint-Simonians, Quinet, Michelet*. London; New York: Routledge, 1993.
- DOZZY, G. L'influence exercée par les Normands sur l'ancien roman français. In: *Mémoires de la Société des Antiquaires du Nord*, 1845-1847.
- DURANT, Frédéric. *Les vikings*. Paris, PUF. Coll Que sais-je, n° 1188, 1 vol. In-16.
- ENAUULT, Louis; *LA Norvège*. 1 vol. in-12. Paris, Hachette, 1857.
- GEARY, Patrick. J. *O mito das nações. A invenção do nacionalismo*. Lisboa, Editora Gradiva, 2008.
- GINSBURG, J. "romantismo, historicismo e história". In: *O romantismo* (org.) São Paulo: Perspectiva, 2005.
- GLATIGNY. A. *Le fer rouge. Nouveaux châtiments. France et Belgique*. Chez tous les libraires, 1870.
- GUIZOT, F. *Cours de Histoire Moderne*. Paris: Pichon et Didier, 1828.

- JAUCOURT, in Diderot, Denis & d'Alembert, Jean. *Encyclopédie ou Dictionnaire Raisonné des Sciences, des Arts et des Metiers*. Paris :Briasson, David, Lebreton, Durand: Edição Fac-Simile de Pergamon Press, 1751.
- LANGER, J. Rêver son passé (L'imaginaire sur les Vikings). In: GLOT, Claudine & LE BRIS, Michel (org.). *L'Europe des Vikings*. Paris: Éditions Hoëbeke/ Abbaye Daoulas, 2004.
- MALLET. P.H. *Introduction à l'Histoire du Dannemarc, où l'on traite de la religion, des Loix et des moeurs et des Usages des anciens Danois*, Copenhague, 1758.
- MICHELET, J. *História da França - Tomo I - Livros I e II (até 987 d.C.)* Rio de Janeiro: trad. Luiz Fernando Serra Moura Correia, 2013.
- MICHELET, Jules. *Histoire de France*. Anot. de Charles Marc des Granges. Paris: Hatier, 1946.
- MONTESQUIEU. *Do Espírito das leis*. São Paulo: Abril Cultural, 1973. e MONTESQUIEU. *Cartas persas*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1960.
- OLIVEIRA, T. A Historiografia francesa dos séculos XVIII e XIX: as visões iluministas e românticas da Idade Média. *Acta Scientiarum* 21(1), ISSN 1415-6814 1999. p. 175-185.
- REVEL, J. *Histoire des Normands*. 2 vol. in-8m X. Paris: Charpentier et Fasquelle, 1918.
- RIANT, P. *Expéditions et pèlerinages des Scandinaves en Terre-Sainte* (Paris, 1865, 1 vol. in-8 XIII-448p)
- STAEL-Holteins Madame. *De la littérature considérée dans ses rapports avec les institutions sociales*. De l'imprimerie de Crepelet: Paris, 1799.
- THIERRY, A. *Lettres sur l'histoire de France*. Paris, 1852.
- VOLTAIRE, *Essai sur les moeurs et l'esprit des nations*, edited by Rene Pomeau, 2 vols. Paris: Garnier, 1963.